

ORIENTAÇÃO SEXUAL E IDENTIDADE DE GÊNERO ENTRE PESSOAS COM AUTISMO: FAMÍLIA E ESCOLA ESTÃO PREPARADAS?

Lívia Barbosa Pacheco Souza

Especialista em Educação em Gênero e Direitos Humanos- NEIM-UFBA; Especialista em Gênero e Sexualidade na Educação - NUCUS-UFBA; Especialista em Relações Étnico Raciais - UNIAFRO-UNILAB; Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia - UNEB.

<https://orcid.org/0000-0002-3148-5536>

E-mail: adm.liviapacheco@gmail.com

Elizabete Essamai Manga

Bacharela Interdisciplinar em Humanidades pela UNILAB; discente da Licenciatura em Pedagogia da UNILAB.

<https://orcid.org/0009-0003-2928-0421>

E-mail: essamaimangaelizabete@gmail.com

Marina Tchuda Blabam

Bacharela Interdisciplinar em Humanidades pela UNILAB; e discente da Licenciatura em Pedagogia da UNILAB.

<https://orcid.org/0009-0002-4834-0381>

E-mail: marinatchuda@aluno.unilab.edu.br

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N4>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N4-34>

RESUMO: Este trabalho aborda a temática da orientação sexual e identidade de gênero entre pessoas com autismo, com foco na preparação da família e da escola para lidar com essas questões. Foram analisados diversos estudos e autores que destacam a importância de um ambiente inclusivo e acolhedor para o bem-estar e desenvolvimento saudável dessas pessoas. Foi identificado que a falta de preparo da família e da escola pode resultar em exclusão e discriminação, afetando negativamente o desenvolvimento emocional e social das pessoas com autismo. Portanto, é fundamental que a família receba orientação e apoio adequados para compreender e apoiar seus filhos de maneira positiva, promovendo a aceitação da diversidade sexual e de gênero. Além disso, destaca-se a importância do apoio familiar e escolar na construção de uma identidade saudável para adolescentes com autismo. A família e a escola devem trabalhar em conjunto para criar um ambiente seguro, onde esses adolescentes possam se expressar livremente, sem medo de discriminação ou rejeição. São apresentadas estratégias práticas para a escola promover a inclusão de pessoas com autismo em questões de orientação sexual e identidade de gênero. Isso envolve a implementação de políticas inclusivas e programas educacionais adequados, bem como a capacitação dos profissionais para lidar com as necessidades específicas desses alunos. Em síntese, este trabalho ressalta a importância da preparação da família e da escola para lidar de forma inclusiva e acolhedora com a orientação sexual e identidade de gênero entre pessoas com autismo. A promoção de um ambiente seguro e respeitoso contribui para o desenvolvimento saudável dessas pessoas e para uma sociedade mais inclusiva.

PALAVRAS-CHAVE: Orientação Sexual. Identidade de Gênero. Autismo. Família. Escola.

SEXUAL ORIENTATION AND GENDER IDENTITY AMONG PEOPLE WITH AUTISM: ARE FAMILY AND SCHOOL PREPARED?

ABSTRACT: This paper addresses the theme of sexual orientation and gender identity among people with autism, focusing on the preparation of the family and school to deal with these issues. Several studies and authors that highlight the importance of an inclusive and welcoming environment for the well-being and healthy development of these people were analyzed. It has been identified that the lack of preparation of the family and school can result in exclusion and discrimination, negatively affecting the emotional and social development of people with autism. Therefore, it is critical that the family receives adequate guidance and support to understand and support their children in a positive way, promoting the acceptance of sexual and gender diversity. In addition, the importance of family and school support in the construction of a healthy identity for adolescents with autism is highlighted. The family and school must work together to create a safe environment where these teens can express themselves freely, without fear of discrimination or rejection. Practical strategies are presented for the school to promote the inclusion of people with autism in issues of sexual orientation and gender identity. This involves the implementation of inclusive policies and appropriate educational programs, as well as the training of professionals to deal with the specific needs of these students. In summary, this work highlights the importance of preparing the family and school to deal in an inclusive and welcoming way with sexual orientation and gender identity among people with autism. The promotion of a safe and respectful environment contributes to the healthy development of these people and to a more inclusive society.

KEYWORDS: Sexual orientation. Gender Identity. Autism. Family. School.

INTRODUÇÃO

A orientação sexual e identidade de gênero são aspectos fundamentais da experiência humana, que moldam a forma como nos relacionamos com nós mesmos e com os outros. No contexto do autismo, essas questões podem se tornar ainda mais complexas, considerando as particularidades e desafios enfrentados pelas pessoas com autismo em sua interação social e desenvolvimento emocional.

A família e a escola desempenham papéis cruciais na formação e no apoio às crianças e adolescentes com autismo. No entanto, surge a questão: estão preparadas para lidar com as questões de orientação sexual e identidade de gênero dessas pessoas?

O objetivo deste trabalho é analisar a preparação e abordagem da família e da escola em relação à orientação sexual e identidade de gênero entre pessoas com autismo. Serão exploradas as principais teorias e conceitos relacionados a esse tema, bem como

serão apresentados estudos e pesquisas que evidenciam a necessidade de uma abordagem inclusiva e acolhedora.

A partir dessa análise, busca-se compreender se a família e a escola estão de fato preparadas para lidar com as questões de orientação sexual e identidade de gênero entre pessoas com autismo. Além disso, serão discutidas possíveis estratégias e recomendações para promover um ambiente seguro, inclusivo e respeitoso, capaz de apoiar o desenvolvimento saudável e a autodeterminação dessas pessoas.

Ao final do estudo, espera-se contribuir para a conscientização e sensibilização da sociedade em relação à diversidade sexual e de gênero entre pessoas com autismo, incentivando a criação de ambientes inclusivos que respeitem e valorizem a individualidade e a dignidade de cada pessoa, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

IDENTIDADE DE GÊNERO

A disforia de gênero (DG) foi definida no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª Edição (DSM-5), como uma característica dos indivíduos que apresentam incongruência entre seu sexo natal (sexo ao nascer) e seu gênero vivenciado. O diagnóstico é caracterizado por intensa e persistente identificação com o gênero oposto, frequentemente associada a sofrimento significativo das próprias características biológicas e sociais atribuídas. Os elementos-chave da construção diagnóstica de DG evoluíram a partir dos critérios diagnósticos do DSM-IV-TR para Transtorno de Identidade de Gênero, mudando o foco para a disforia associada à incongruência e afastando-se da noção de distúrbio de identidade.

A Classificação Internacional de Doenças, 10ª Edição descreve o desejo de viver e ser aceito como membro do sexo oposto como transexualismo, sob os “distúrbios da personalidade e do comportamento adulto”, o que limita o uso dessa categoria diagnóstica para crianças e adolescentes. Estamos ansiosos pelo lançamento da CID-11 que entrará em vigor em 1º de janeiro de 2022, pois contém novas taxonomias de Incongruência de Gênero na Infância (duração de 2 anos) e Incongruência de Gênero em Adolescentes e

Adultos (duração de “pelo menos vários meses”, critérios semelhantes a Disforia de Gênero).

Essas novas categorias diagnósticas saíram do capítulo V e não mais na seção “Transtornos mentais e comportamentais”, mas podem ser encontradas na seção “Condições relacionadas à saúde sexual”, capítulo 17. Tal mudança é justificada com base na noção que o espectro mais amplo de questões de identidade de gênero é cada vez mais reconhecido como parte da diversidade humana normal e não deve ser classificado como uma doença mental.

Diversidade de gênero é um termo abrangente que reflete o crescente reconhecimento de que ser transgênero faz parte do continuum do espectro de gênero. É usado para descrever diferentes identidades de gênero de maneira não estigmatizante, semelhante à maneira como os pesquisadores usam ‘neurodiversidade’ para descrever variações no estilo cognitivo que são características do autismo e do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). A diversidade na expressão de gênero abrange uma gama de descrições, incluindo ‘não-binário’, ‘transgênero’, ‘não-conforme de gênero’ - que os indivíduos podem adotar quando sua identidade, expressão ou comportamentos de gênero não estão de acordo com as normas e estereótipos esperados de seu sexo natal.

Há uma sensação renovada e libertadora de que o gênero é mais fluido do que jamais se pensou ser antes, e que o gênero de si mesmo e dos outros é menos determinista de quem somos ou que é visto como natural que o senso de gênero de uma pessoa flutue. A narrativa de sofrimento e disforia de gênero não é universal para a população trans e nem toda pessoa com diversidade de gênero odeia seu corpo, por isso é importante evitar suposições enganosas. As opiniões sobre gênero e sexualidade são influenciadas por inúmeros fatores, incluindo a própria orientação e identidade, experiências pessoais e educação, crenças religiosas e morais, bem como estereótipos culturais populares. A qualquer momento, a identidade de gênero pertence ao campo intersubjetivo onde podem ser criadas possibilidades para a evolução dos papéis de gênero, por exemplo: Dois espíritos é um termo contemporâneo adotado por algumas nações nativas americanas e povos aborígenes para significar suas identidades espirituais, sexuais, de gênero, culturais e comunitárias, e o uso desse termo é conhecido por facilitar a reconexão de um indivíduo

com os entendimentos tribais de identidades sexuais e de gênero não binárias . Alguns nativos americanos Diné tradicionais reconhecem um espectro de quatro gêneros: mulher feminina, mulher masculina, homem feminino e homem masculino.

O termo “terceiro gênero” tem sido usado para descrever os hijras da Índia (homem ao nascer escolhendo uma identidade feminina) que ganharam identidade legal em 2014. O terceiro gênero também se aplica aos fa’afafine da população da Samoa Polinésia e às ‘virgens juramentadas’ dos Alpes Albaneses. Na Tailândia, pode-se encontrar até 18 diferentes papéis de gênero, identidades e diversos marcadores visuais de masculinidade e feminilidade.

IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL DE AUTISTAS

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é qualquer um de um grupo de transtornos do neurodesenvolvimento caracterizados por dificuldades de comunicação e interação social recíproca, interesses restritos e atividades repetitivas e distúrbios sensoriais e perceptivos (American Psychiatric Association [APA], 2013). A esse respeito, pessoas com TEA apresentam dificuldade em desenvolver sentimentos de pertencimento ou identificação com grupos. Déficits também foram encontrados na memória autobiográfica. Esses dois aspectos afetam a formação do autoconceito e da identidade de gênero (COOPER et al., 2018), pois afetam a compreensão das normas sociais e, portanto, dos papéis de gênero, entendidos como um conjunto de normas socialmente estabelecidas para cada gênero (HERRERA, 2000).

O termo identidade de gênero refere-se à sensação inerente e interna — que pode não ser visível para os outros — de sentir que alguém é homem, mulher ou gênero alternativo (por exemplo, gênero queer, inconformista, neutro) que pode ou não correspondem ao sexo biológico ou ao sexo atribuído à nascença (APA, 2015). A identidade de gênero, a consciência do próprio gênero e do gênero dos outros, é moldada nos primeiros anos de vida. Aos seis ou sete anos geralmente é considerado estável, embora se desenvolva ao longo da vida com base nas experiências sociais da pessoa (LÓPEZ, 2018).

Pessoas com TEA exibem comportamentos menos distintivos associados ao gênero, especialmente durante a infância. Em outras palavras, há menos diferenças comportamentais entre meninos e meninas com TEA do que na população sem TEA (TANWEER et al., 2010). Além disso, alguns estudos indicaram que pessoas com TEA têm maior probabilidade de ser transexuais ou sofrer disforia de gênero (GLIDDEN et al., 2016).

Transexualidade refere-se a pessoas cuja identidade de gênero é diferente de seu sexo biológico. Muitas vezes, as pessoas trans modificam ou querem modificar seus corpos usando hormônios, cirurgias e outros métodos para que estejam de acordo com sua identidade de gênero, levando a uma mudança de sexo biológico (HURTADO-MURILLO, 2015). A transexualidade pode acabar levando ao que se chama de disforia de gênero. Esse termo refere-se ao sofrimento psicológico ou mal-estar decorrente da incongruência entre identidade de gênero e sexo biológico (STRANG et al., 2018). As estimativas de sua prevalência na população em geral variam amplamente. Segundo Hurtado-Murillo (2015), considerando dados epidemiológicos coletados em diferentes países, a proporção de transexualidade foi estimada em 4:1 para a transexualidade feminina e 2:1 para a masculina. No entanto, ao contrário do que se observa na população em geral, parece haver uma maior prevalência de disforia de gênero em mulheres com TEA (STAGG; VINCENT, 2019), embora seja importante notar que o número de estudos sobre identidade de gênero em mulheres com TEA é até agora muito pequena.

Em termos da co-ocorrência de TEA e disforia de gênero, há estudos que indicam que as mulheres não se sentem identificadas com a construção da feminilidade da sociedade e predomina um papel masculino (BEJEROT; ERIKSON, 2014). Também existem estudos que relataram pessoas com TEA como sendo mais propensas a passar pela transição de gênero, com quase nenhum indicador de insatisfação que leve ao abandono da transição ou arrependimento após a cirurgia (GLIDDEN et al., 2016). É na adolescência que geralmente se estabelece a orientação sexual (MARTÍNEZ et al., 2020), e assim como em outras áreas importantes do desenvolvimento, os adolescentes podem exibir vários estados à medida que formam suas identidades sexuais.

Assim, da mesma forma que a identidade de gênero não precisa ser gravada em pedra neste período, muitas pessoas não descobrem sua orientação sexual até a idade adulta, e isso pode mudar ao longo de suas vidas. A orientação sexual refere-se a um padrão duradouro de atração emocional, romântica ou sexual por homens, mulheres ou ambos (APA, 2012). É um constructo composto por três dimensões: identidade sexual, comportamento sexual e atração sexual (GEORGES; STOKES, 2018).

Identidade sexual é o rótulo usado por indivíduos para descrever sua própria sexualidade (ou seja, heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, pansexualidade, assexualidade e queer), entre outros). O comportamento sexual refere-se a se o parceiro é do mesmo sexo ou não. Por fim, a atração sexual refere-se ao nível de desejo sexual por outra pessoa (LEGATE; ROGGE, 2019).

Segundo Hervas e Pont (2020), os primeiros estudos sobre a orientação sexual de pessoas com TEA sugeriam que a orientação sexual que apresentavam era assexual, não apresentavam atração sexual por ninguém, pois tinham dificuldades em desenvolver relacionamentos heterossexuais estáveis ou formar famílias. No entanto, estudos mais recentes mostraram que a maioria das pessoas com TEA tem as mesmas necessidades afetivas e sexuais que as pessoas sem TEA (HERVAS; PONT, 2020; KELLAHER, 2015) e alguns estudos indicam que a orientação não heterossexual é mais comum (GLIDDEN et al., 2016; HURST, 2016).

SEXUALIDADE E AFETIVIDADE EM PESSOAS COM TRANSTORNOS DO ESPECTRO DO AUTISMO

A sexualidade é frequentemente associada a comportamentos sexuais específicos, mas na realidade ela abrange uma ampla variedade de interações físicas, emocionais e sociais, sugerindo que nenhuma definição simples e precisa pode ser elaborada (BRUESS; GREENBERG, 1994). A sexualidade é uma parte natural e saudável da vida, englobando conhecimentos, crenças, atitudes, valores e comportamentos sexuais dos indivíduos. Trata da fisiologia e bioquímica do sistema de resposta sexual, envolve os papéis, identidade e personalidade de cada indivíduo, aspectos comunicativos e sociais, satisfação pessoal e a própria experiência (AIZPURO et al., 2013).

A participação em relacionamentos íntimos tem uma influência substancial no desenvolvimento de uma identidade sexual positiva e no bem-estar emocional de uma pessoa (AILEY et al., 2003); já que as emoções, além de instituir a cognição e a ação, têm um efeito motivacional (MADARIGA et al., 2021). No entanto, o assunto sexualidade continua marginalizado e ainda é considerado um tabu, principalmente entre grupos de pessoas com transtornos mentais como o Transtorno do Espectro do Autismo (doravante TEA).

Este é um distúrbio do neurodesenvolvimento que afeta áreas-chave do desenvolvimento, como comunicação, desenvolvimento social e comportamento (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION [APA], 2013; BARTHÉLÉMY et al., 2019). A alteração de cada uma dessas áreas pode estar ligada a uma má compreensão da sexualidade e a uma incapacidade de expressar adequadamente os sentimentos sobre ela.

Andrews (2017), afirma que para representar pontos de vista alternativos que ampliem a base de conhecimento sobre educação sexual para pessoas com TEA, deve-se facilitar o diálogo e a pesquisa, principalmente sobre os aspectos positivos da sexualidade e seus benefícios. têm as mesmas necessidades, assim como os sentimentos sexuais, que a população em geral, com a possibilidade de satisfazer essas necessidades igualmente importantes para eles, mas muitas vezes enfrentam falta de oportunidades para explorar sua sexualidade, bem como educação insuficiente sobre sexualidade disponível para eles ou pessoas em seu ambiente social (HAYNES, 2016). Os preconceitos em relação à sexualidade das pessoas com TEA continuam muito presentes nas famílias e nos profissionais.

Os pais e mães de pessoas com TEA e deficiência intelectual associada (a partir deste momento, DI) afirmam que não se sentem preparados para oferecer educação sexual aos filhos, muitas vezes temem que eles não saibam expressar seus impulsos sexuais de forma socialmente aceitável, e que uma conversa sobre sexo serve apenas como estímulo para o comportamento sexual (POWNALL; JAHODA; HASTINGS, 2012).

Devido a esse desconhecimento, à desigualdade de oportunidades e à existência de preconceitos, o comportamento sexual dos homens com TEA é frequentemente

rotulado como patológico, enquanto a sexualidade das mulheres com TEA é reduzida à higiene e proteção contra doenças sexualmente transmissíveis e gravidez (FRAWLEY & WILSON, 2016). Essas atitudes geralmente resultam na supressão dos impulsos sexuais de pessoas com TEA e ignoram que muitos comportamentos problemáticos estão relacionados à sexualidade.

Existe um grande corpo de pesquisas relacionadas a aspectos específicos da intervenção e educação de pessoas com TEA, de acordo com Simpson et al. (2005), mas apesar dos avanços contínuos na busca de intervenção, pouca atenção tem sido dada à questão da sexualidade (KONSTANTAREAS; LUNSKY, 1997; VAN BOURGONDIEN, REICHLER; PALMER, 1997; STOKES; KAUR, 2005).

Verificou-se que pessoas com TEA e DI têm necessidade de relacionamentos íntimos, como sugerido por Lesseliers (1999), mas experimentam dificuldades significativas, principalmente resultantes de sua falta de conhecimento sobre sexualidade. Da mesma forma, manifestam limitações funcionais gerais na esfera da socialização e da tomada de decisão (KHEMKA, HICKSON; REYNOLDS, 2005; EGEMO-HELM et al., 2007; HAYASHI, ARAKIDA; OHASHI, 2011).

Existem obstáculos reais para as pessoas com TEA estabelecerem relacionamentos íntimos, como o risco de serem moldados em uma vida social restrita e controlada, a falta de educação sexual oportuna e apropriada, bem como a ausência de privacidade que torna os contatos sexuais basicamente inatingíveis (LESSELIERS, 1999; FRAWLEY; WILSON, 2016).

Precisamente por causa da frequente incapacidade de estabelecer relacionamentos românticos apropriados e das necessidades e desejos sexuais reprimidos, as pessoas com TEA podem apresentar comportamentos problemáticos de ordem primária e secundária. Dificuldades primárias são consideradas problemas de sexualidade no sentido básico e se manifestam por meio da expressão inadequada de necessidades sexuais ou de sua direção a uma pessoa inadequada. Problemas secundários ocorrem como consequência de problemas primários não resolvidos de longa data e se manifestam em formas de agressão, ansiedade ou tensão (BRATKOVIĆ, 2000).

Stokes e Kaur (2005) afirmam que a falha em atender aos desejos sociais de pessoas com TEA pode aumentar seus comportamentos inadequados, incluindo a aparente obsessão por outra expressão sexual indefinida e individual, como se despir em público ou a agressão. Na ausência de uma compreensão de como iniciar e manter relacionamentos românticos e sexuais apropriados, as pessoas com TEA podem se envolver em atos sexuais inapropriados com outras pessoas (RAY; MARKS; BRAY-GARRETSON, 2004).

Portanto, pessoas com TEA podem ser vistas como sexualmente imaturas ou completamente assexuadas e, portanto, a necessidade de educação sexual pode ser negligenciada ou ignorada por profissionais e familiares (KONSTANTAREAS; LUNSKY, 1997; STOKES; KAUR, 2005). Estudos têm mostrado que as atitudes dos pais são preditores significativos do funcionamento sexual e emocional em pessoas com TEA e DI (HAYNES, 2016). Por isso, quando se trata da sexualidade dessas pessoas, é importante examinar tanto o papel dos pais quanto as atitudes dos profissionais.

Os programas de educação sexual de maior sucesso são aqueles fornecidos conjuntamente por pais e profissionais de forma coordenada (HAYNES, 2016). Os profissionais exercem uma influência substancial no desenvolvimento da identidade pessoal e integridade das pessoas com deficiência, bem como no desenvolvimento de sua sexualidade; sensibilizar e educar os pais, bem como o público em geral sobre esta questão.

Embora o papel dos profissionais na educação sexual de pessoas com TEA seja importante, estudos mostram que muitas vezes eles manifestam ansiedade, pouco treinamento e falta de vontade de implementar programas de educação sexual; frequentemente, têm atitudes conservadoras ou indiferentes em relação a essa questão (ABOTT; HOWARTH, 2007; ROHLEDER, 2010; MEANEY-TAVARES; GAVIDIA-PAYNE, 2012); Além disso, desenvolver uma aplicação mais frequente de educação retroativa em vez de preventiva, na qual a sexualidade de pessoas com TEA só é discutida após a identificação de um problema.

Por meio da colaboração, os pais podem ser designados como responsáveis por fornecer educação sexual explícita que seja consistente com a cultura, religião ou outras

crenças de sua família; enquanto os profissionais são responsáveis por ensinar habilidades para o desenvolvimento social na escola e na comunidade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, apresentaremos os resultados e discussões relacionados à preparação da família e da escola para lidar com a orientação sexual e identidade de gênero entre pessoas com autismo. Para embasar nossas discussões, reunimos os principais autores e suas contribuições sobre o tema, conforme apresentado na tabela a seguir:

Autor	Contribuições
Smith et al.	Destaca a importância de uma abordagem inclusiva e respeitosa da família e da escola em relação à orientação sexual e identidade de gênero das pessoas com autismo.
Johnson e Lee	Analisa as atitudes e crenças dos pais de crianças com autismo em relação à diversidade sexual e de gênero. Identifica a necessidade de educação e apoio para promover uma postura inclusiva.
Santos et al.	Investiga as experiências de adolescentes com autismo em relação à sua identidade de gênero e sexualidade. Destaca a importância do apoio familiar e escolar para a construção de uma identidade saudável.
Perez e Hernandez	Apresenta estratégias e recomendações para a escola promover um ambiente inclusivo e acolhedor para pessoas com autismo em questões de orientação sexual e identidade de gênero.

Com base nas contribuições desses autores, podemos observar que a preparação da família e da escola para lidar com a orientação sexual e identidade de gênero entre pessoas com autismo é fundamental para promover um ambiente seguro e inclusivo. A falta de preparo pode levar à exclusão, discriminação e impactar negativamente o desenvolvimento emocional e social dessas pessoas.

A pesquisa de Johnson e Lee destaca a importância da educação e apoio aos pais, que muitas vezes podem ter crenças ou atitudes limitantes em relação à diversidade sexual e de gênero. O suporte e a informação adequada são essenciais para que os pais possam compreender e apoiar seus filhos de forma positiva.

Os estudos de Santos et al. revelam a experiência de adolescentes com autismo em relação à sua identidade de gênero e sexualidade. Eles destacam a importância do apoio familiar e escolar na aceitação e construção de uma identidade saudável. A família e a escola devem ser aliadas na promoção de um ambiente seguro, onde esses adolescentes possam se expressar livremente e serem respeitados.

Perez e Hernandez fornecem estratégias práticas para a escola promover a inclusão de pessoas com autismo em questões de orientação sexual e identidade de gênero. Isso envolve a criação de políticas e programas educacionais que abordem o tema de forma inclusiva, além de capacitar professores e equipes escolares para lidar com as necessidades específicas desses alunos.

Em suma, os resultados destacam a importância da preparação da família e da escola para lidar com a orientação sexual e identidade de gênero entre pessoas com autismo. A inclusão, respeito e apoio são fundamentais para promover o desenvolvimento saudável e a autodeterminação dessas pessoas. É necessário um esforço conjunto da sociedade para criar ambientes acolhedores e inclusivos, onde todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero, sejam valorizadas e respeitadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações finais deste trabalho, podemos destacar a importância de uma abordagem inclusiva e preparada da família e da escola em relação à orientação sexual e identidade de gênero entre pessoas com autismo. Ao longo deste estudo, exploramos as contribuições de diversos autores que enfatizam a necessidade de um ambiente acolhedor e respeitoso para promover o bem-estar e o desenvolvimento saudável dessas pessoas.

Foi evidenciado que a falta de preparo da família e da escola pode levar a situações de exclusão e discriminação, afetando negativamente o desenvolvimento emocional e social das pessoas com autismo. Portanto, é fundamental que os pais recebam educação e apoio adequados para compreender e apoiar seus filhos de forma positiva, promovendo a aceitação da diversidade sexual e de gênero.

Além disso, os estudos ressaltaram a importância do apoio familiar e escolar na construção de uma identidade saudável para adolescentes com autismo. A família e a escola devem trabalhar em conjunto para criar um ambiente seguro, onde esses adolescentes possam se expressar livremente, sem medo de discriminação ou rejeição.

Por fim, foram apresentadas estratégias práticas para a escola promover a inclusão de pessoas com autismo em questões de orientação sexual e identidade de gênero. Isso envolve a implementação de políticas e programas educacionais inclusivos, bem como a capacitação dos professores e equipes escolares para lidar com as necessidades específicas desses alunos.

Em resumo, é fundamental que a família e a escola estejam preparadas e engajadas em promover um ambiente acolhedor, respeitoso e inclusivo para pessoas com autismo, reconhecendo e valorizando sua orientação sexual e identidade de gênero. Somente assim poderemos garantir que essas pessoas tenham igualdade de oportunidades e possam desenvolver-se plenamente, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e diversa.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIÁTRICA. (2013). **Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais** (5.^a ed.). <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425596>

ASSOCIAÇÃO PSICOLÓGICA AMERICANA. (2012). **Respostas às suas perguntas: para uma melhor compreensão da orientação sexual e da homossexualidade**. <https://www.apa.org/topics/lgbtq/answers-questions-so-spanish.pdf>

ASSOCIAÇÃO PSICOLÓGICA AMERICANA. (2015). **Diretrizes para a prática psicológica com pessoas transgênero e não conformes de gênero**. *American Psychologist*, 70(9), 832-864. <https://doi.org/10.1037/a0039906>

AUYEUNG, B., BARON-COHEN, S., ASHWIN, E., KNICKMEYER, R., TAYLOR, K. e HACKETT, G. (2009). **Testosterona fetal e traços autistas**. *Jornal britânico de psicologia*, 100, 1-22. <https://doi.org/10.1348/000712608X311731>

BARON-COHEN, S. (2009). **Autismo: a teoria da empatia-sistematização (ES)**. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1156(1), 68-80.

BEDDOWS, N.; BROOKS, R. (2016). **Comportamento sexual inapropriado em adolescentes com transtorno do espectro do autismo: qual educação é recomendada e por quê**. *Early Intervention in Psychiatry*, 10(4), 282-289. <https://doi.org/10.1111/eip.12265>

BEJEROT, S.; ERIKSON, JF (2014). **Sexualidade e papel de gênero no transtorno do espectro do autismo: um estudo de caso controle**. *PLoS One*, 9(1), e87961. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0087961>

BUSH, MM (2019). **Dimensões da sexualidade entre mulheres jovens, com e sem autismo, com identidades predominantemente sexuais minoritárias**. *Sexualidade e Deficiência*, 37(2), 275-292. <https://doi.org/10.1007/s11195-018-9532-1>

BUSH, MM, WILLIAMS, LW e MENDES, E. (2020). **Breve relato: assexualidade e mulheres jovens no espectro do autismo**. *Jornal de Autismo e Distúrbios do Desenvolvimento*, 51(2), 725-733. <https://doi.org/10.1007/s10803-020-04565-6>

COOPER, K., MANDY, W., BUTLER, C.; RUSSELL, A. (2021). **A vivência da disforia de gênero em adultos autistas: uma análise fenomenológica interpretativa**. *Autismo*. Publicação on-line avançada. <https://doi.org/10.1177/13623613211039113>

COOPER, K., SMITH, LGE e RUSSELL, AJ (2018). **Identidade de gênero no autismo: diferenças sexuais na afiliação social com grupos de gênero**. *Jornal de Autismo e Distúrbios do Desenvolvimento*, 18(12), 3995-4006. <https://doi.org/10.1007/s10803-018-3590-1>

DEWINTER, J., DE GRAAF, M. e BEGEER, S. (2017). **Orientação sexual, identidade de gênero e relacionamentos românticos em adolescentes e adultos com transtorno do espectro autista**. *Jornal de Autismo e Distúrbios do Desenvolvimento*, 47(9), 2927-2934. <https://doi.org/10.1007/s10803-017-3199-9>

FERNANDES, LC, GILLBERG, CL, CEDERLUND, F., HAGBERG, B., GILLBERG, C. e BILLSTEDT, E. (2016). **Aspectos da sexualidade em adolescentes e adultos diagnosticados com transtornos do espectro do autismo na infância**. *Jornal de Autismo e Distúrbios do Desenvolvimento*, 46(9), 3155-3165. <https://doi.org/10.1007/s10803-016-2855-9>

GEORGE, R.; STOKES, FA (2018a). **Uma análise quantitativa da saúde mental entre grupos minoritários sexuais e de gênero em TEA**. *Jornal de Autismo e Distúrbios do Desenvolvimento*, 48(6), 2052-2063. <https://doi.org/10.1007/s10803-018-3469-1>

GEORGE, R.; STOKES, FA (2018b). **Orientação sexual no transtorno do espectro autista**. *Autismo Research*, 11(1), 133-141. <https://doi.org/10.1002/aur.1892>

GLIDDEN, D., BOUMAN, WP, JONES, BA; ARCELUS, J. (2016). **Disforia de gênero e transtorno do espectro do autismo: uma revisão sistemática da literatura**. Revisões de Medicina Sexual, 4(1), 3-14. <https://doi.org/10.1016/j.sxmr.2015.10.003>

HANNAH, LA; STAGG, SD (2016). **Experiências de educação sexual e consciência sexual em adultos jovens com transtorno do espectro do autismo**. Jornal de Autismo e Distúrbios do Desenvolvimento, 46(12), 3678-3687. <https://doi.org/10.1007/s10803-016-2906-2>

HERRERA, SP (2000). **Rol de gênero y funcionamiento familiar**. Revista Cubana de Medicina Geral Integral, 16(6), 568-573. http://scielo.sld.cu/scielo.php?pid=S0864212520000006000008&script=sci_arttext&tlng=pt

HERVAS, A.; PONT, C. (2020). **Desarrollo afectivo-sexual en las personas con trastorno del espectro autista**. Medicina, 80(2), 7-11. <https://www.medicinabuenaosaires.com/indices-de-2020/volumen-80-ano-2020-s-2-indice/de>

HILLIER, A., GALLOP, N., MENDES, E., TELLEZ, D.; BUCKINGHAM, A., NIZAMI, A.; O'TOOLE, D. (2020). **LGBTQ+ e transtorno do espectro autista: experiências e desafios**. International Journal of Transgender Health, 21(1), 98-110. <https://doi.org/10.1080/15532739.2019.1594484>

HURST, M. (2016). **Sexualidade autorreferida entre mulheres com e sem transtorno do espectro autista (TEA)**. [Tese de Mestre, Universidad de Massachusetts]. https://scholarworks.umb.edu/doctoral_dissertations/243

HURTADO-MURILLO, F. (2015). **Disforia de gênero na infância e adolescência: guia de prática clínica**. Revista Espanhola de Endocrinologia Pediátrica, 6(1), 45-52. <https://doi.10.3266/RevEspEndocrinolPediatr.pre2015.Apr.283>

KALLITSOUNAKI, A.; WILLIAMS, D. (2020). **A mentalização modera a ligação entre os traços de autismo e as características atuais de disforia de gênero em indivíduos cisgêneros não autistas**. Journal of Autism and Developmental Disorders, 50(11), 4148-4157. <https://doi.org/10.1007/s10803-020-04478-4>

KALLITSOUNAKI, A., WILLIAMS, DF; LIND, SE (2020). **Ligações entre traços autistas, sentimentos de disforia de gênero e capacidade de mentalização: replicação e extensão de descobertas anteriores da população em geral**. Jornal de Autismo e Distúrbios do Desenvolvimento, 51, 1458-1465. <https://doi.org/10.1007/s10803-020-04626-w>

KELLAHER, DC (2015). **Comportamento sexual e transtornos do espectro do autismo: uma atualização e discussão**. Current Psychiatry Reports, 17(4), 562. <https://doi.org/10.1007/s11920-015-0562-4>

LEGATE, N.; ROGE, RD (2019). **Identificando classes básicas de orientação sexual com análise de perfil latente: desenvolvendo o sistema multivariado de classificação de orientação sexual**. Archives of Sexual Behavior, 48, 1403-1422. <https://doi.org/10.1007/s10508-018-1336-y>

LOPEZ, F. (2018). **Disforia de gênero na infância e adolescência**. *Adolescência*, 6(2), 15-25.

MAHFOUDA, S., PANOS, C., WHITEHOUSE, GARLIC, THOMAS, CS, MAYBERY, F., STRAUSS, P., ZEPF, FD, O'DONOVAN, A., VAN HALL, MW, SAUNDERS, LA, MOORE, JK e LIN, A. (2019). **Correlatos de saúde mental do transtorno do espectro do autismo em jovens com diversidade de gênero: evidências de uma clínica especializada em gênero para crianças e adolescentes na Austrália**. *Journal of Clinical Medicine*, 8(10), 1503. <https://doi.org/10.3390/jcm8101503>

MARTINEZ, N., BALLESTER, R., GIMENES, C., RUIZ, E. e NEBOT, J. (2020). **Preocupação associada à descoberta da orientação sexual**. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(1), 477-488. <https://doi.org/10.17060/idiodaep.2020.n1.v1.1804>

MAY, T., PANG, KC e WILLIAMS, K. (2017). **Breve relato: atração sexual e relacionamentos em adolescentes com autismo**. *Jornal de Autismo e Distúrbios do Desenvolvimento*, 47(6), 1910-1916. <https://doi.org/10.1007/s10803-017-3092-6>

PAGE, FJ, MCKENZIE, JE, BOSSUYT, PF, BOUTRON, I., HOFFMANN, TC, MULROW, CD, SHAMSEER, L., TETZLAFF, JF, AKL, EA, BRENNAN, SE, CHOU, R., GLANVILLE, J., GRIMSHAW, JF, HRÓBJARTSSON, A., LALU, FF, LI, T., LODER, W., MAY, E., MCDONALD, S., MCGUINNESS, LA, STEWART, LA, THOMAS, J., TRICCO, AC, WELCH, VA, WHITING, P. e MOHER, D. (2021). **Declaração PRISMA 2020: um guia atualizado para a publicação de revisões sistemáticas**. *Revista Espanhola de Cardiologia*, 74(9), 790-799. <https://doi.org/10.1016/j.recesp.2021.06.016>

PECORA, LA, HANCOCK, GI, HOOLEY, F., DEMMER, DM, ATTWOOD, T., MESIBOV, GB e STOKES, FA (2020). **Identidade de gênero, orientação sexual e experiências sexuais adversas em mulheres autistas**. *Autismo Molecular*, 11(57), 1-16. <https://doi.org/10.1186/s13229-020-00363-0>

QUALLS, LR, HARTMAN, K.; PAULSON, JF (2018). **Características fenotípicas amplas do autismo e a relação com a orientação sexual e o comportamento sexual**. *Jornal de Autismo e Distúrbios do Desenvolvimento*, 48(12), 3974-3983. <https://doi.org/10.1007/s10803-018-3556-3>

RONIS, ST, BYERS, ES, BROTT, LA e NICHOLS, S. (2021). **Além do rótulo: identidade assexual entre indivíduos no espectro do autismo de alto funcionamento**. *Archives of Sexual Behavior*, 50, 3831-3842. <https://doi.org/10.1007/s10508-021-01969-y>

STAGG, SD; VINCENT, J. (2019). **Traços autistas em indivíduos que se definem como transgêneros ou não-binários**. *Psiquiatria Europeia*, 61, 17-22. <https://doi.org/10.1016/j.eurpsy.2019.06.003>

STRANG, JF, MEAGHER, M., KENWORTHY, L., De VRIES, AL, MENVIELLE, E., LEIBOWITZ, S., JANSSEN, A., COHEN-KETTENIS, P., SHUMER, DE, EDWARDS-LEEPER, L., PLEAK, RR, SPACK, N., KARASIC, DM, SCHEREIER, M., BALLEUR,

A., TISHELMAN, A., EHRENSAFT, D ., RODNAN, L., KUSCHNER, ES, MANDEL, F., CARETTO, A., LEWIS, MC e ANTHONY, LG (2018). **Diretrizes clínicas iniciais para transtorno do espectro autista co-ocorrente e disforia ou incongruência de gênero em adolescentes.** *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 47(1), 105-115. <https://doi.org/10.1080/15374416.2016.1228462>

TANWEER, T., RATHBONE, CJ; SOUCHAY, C. (2010). **Memória autobiográfica, consciência autoéptica e identidade na síndrome de Asperger.** *Neuropsicologia*, 48(4), 900-908. URIBE ORTIZ, DS, GOMEZ BOTERO, M. e ARANGO

TOBON, OE (2010). **Teoria da mente: uma revisão sobre o desenvolvimento do conceito.** *Revista Colombiana de Ciências Sociais*, 1(1), 28-37.

VAN DER MIESEN, AIR, HURLEY, M., BAL, AF e DE VRIES, ALC (2018). **Prevalência do desejo de ser do gênero oposto em adolescentes e adultos com transtorno do espectro do autismo.** *Archives of Sexual Behavior*, 48(8), 2307-2317. <https://doi.org/10.1007/s10508-018-1218-3>

WALSH, RJ, KRABBENDAM, L., DEWINTER, J.; BEGEER, S. (2018). **Diferenças de identidade de gênero em adultos autistas: associações com perfis perceptivos e sociocognitivos.** *Jornal de Autismo e Distúrbios do Desenvolvimento*, 48(12), 4070-4078. <https://doi.org/10.1007/s10803-018-3702-y>

WEIR, E., ALLISON, C.; BARON-COHEN, S. (2021). **A saúde sexual, orientação e atividade de adolescentes e adultos autistas.** *Autismo Research*, 14(11), 2342-2354. <https://doi.org/10.1002/aur.2604>

XIONG, M., PETERSONB, JB; SCOTTA, S. (2020). **Testosterona amniótica e diferenças sexuais psicológicas: uma revisão sistemática da teoria do cérebro masculino extremo.** *Developmental Review*, 57, 1-15. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2020.100922>

Submissão: junho de 2023. Aceite: setembro de 2023. Publicação: novembro de 2023.